

Diversão & Arte

» NAHIMA MACIEL

O piano é a estrela musical da semana com apresentações de três pianistas e um projeto que promete levar o instrumento para locais inusitados. A portuguesa Inês Filipe desembarca em Brasília para um recital em comemoração aos 50 anos da Revolução dos Cravos com um repertório dedicado a compositores pouco conhecidos do repertório internacional. Já a dupla Pablo Marquine e Diogo Monzo trazem à capital o *Faces do Piano Brasileiro*, projeto de formação de público cuja proposta é aproximar a música erudita e a popular com apresentações e aulas em escolas e teatros da cidade.

Monzo e Marquine se conheceram durante o mestrado na Universidade de Brasília (UnB). O primeiro estudava a obra de Luiz Eça e o segundo, a de Claudio Santoro. Um dia, durante um café, tiveram a ideia de criar um programa que evidenciasse os pontos de conexão entre a música de concerto e a dita popular. "Queríamos mostrar que ambos os gêneros podem conter as mesmas influências estéticas ou influências semelhantes, e que dava para mostrar o que é mais comum e próximo entre os gêneros, em vez de fazer o que o mercado faz, que é separar a música de concerto e a música popular", explica Marquine.

Surgiu então o *Faces do Piano Brasileiro*, que estreia hoje em Brasília com uma série de concertos e aulas-recitais em escolas do DF e em teatros. Luiz Eça e Claudio Santoro formam a base do repertório do projeto, mas Monzo e Marquine sempre trazem mais dois nomes para estabelecer as conexões. Na versão brasiliense, Santoro faz par com Guerra Peixe e Eça, com Hermeto Pascoal. "O Hermeto, embora seja chamado de compositor da música popular, trabalha com muitos elementos que não se restringem à música popular, que são outras influências. E Guerra Peixe, que é chamado de compositor erudito, também trabalha com outras linguagens que não se restringem a isso, com ritmos brasileiros como samba, frevo e chorinho. E essas linguagens se misturam", explica Monzo.

Em Brasília, a dupla faz parceria com a Casa do Piano, que disponibiliza e transporta o instrumento para as escolas. A Escola MiFaSol-Lá (503 Sul) é a primeira a receber o projeto, que depois segue para a Escola Classe Comunidade de Aprendizagem do Paranoá (Q. 3), para Sobradinho (em local ainda a definir), para a Casa Thomas Jefferson (706 Sul) e para o Centro de Ensino de Deficientes Visuais (612 Sul). Toda a programação tem entrada franca e é aberta ao público. "Temos uma visão de tentar levar o piano para se conectar com um público diferente daquele com o qual se conecta no geral, porque está mais nas salas de concerto e nos teatros. Então, queremos ir para escolas e locais específicos aos quais, em geral, o piano não vai. O projeto tem essas duas vertentes, que é ampliar o número de compositores e tentar conectar o piano brasileiro com esse público que não está nos teatros e salas de concerto", diz Monzo.

Luiz Eça teve uma formação erudita muito sólida e estudou em Viena, um centro importante de referência para o piano, mas foi na música popular que encontrou refúgio ao fundar o Tamba Trio, em 1962, um dos primeiros com o formato piano, percussão e soprano. "Ele era tão rebelde que abdicou de seguir a carreira e se tornou um dos mais importantes precursores da bossa nova no Brasil", conta Marquine. "Foi um dos arranjadores mais importantes da época e utilizou muito de linguagens da música erudita para fazer suas obras." Claudio Santoro é um dos compositores de música contemporânea erudita mais importantes do país, mas bebeu muito em estéticas essenciais da MPB. "Então, a gente faz essa visão do avesso dos compositores para mostrar que o que mais importa é a criação e o sentir. O mais importante é a música e sua performance, não essas conceituações ou nomenclaturas dadas pelo mercado ou por estudiosos", avisa Marquine.

ADESCOBERTADO

APRESENTAÇÃO DA PORTUGUESA INÊS FILIPE E PROJETO DOS BRASILEIROS PABLO MARQUINE E DIOGO MONZO LEVAM O PIANO PARA ESCOLAS E SALAS DE CONCERTO

Pianistas Diogo Monzo e Pablo Marquine durante projeto Faces do Piano Brasileiro

PIANO

RECITAL DE INÊS FILIPE

Quarta-feira, às 18h, no Auditório Camões, na Embaixada de Portugal. Entrada franca

FACES DO PIANO BRASILEIRO

Com Pablo Marquine e Diogo Monzo. Hoje, às 19h, na Escola MiFaSol-Lá (503 Sul, Bl. C, Lj. 49/50). Quarta-feira, recital-palestra às 19h e concerto às 20h, na Escola Classe Comunidade de Aprendizagem do Paranoá (Q. 3, Cj. A, Lt. 8/10).

Pianista portuguesa Inês Filipe

UM PASSEIO PELA MÚSICA PORTUGUESA

Investir no que não está normalmente nas salas de concerto brasileiras também é uma das propostas de Inês Filipe, que realiza recital na quarta-feira no Auditório Camões, na Embaixada de Portugal. Premiada em seis concursos internacionais, sendo um deles o 17º SIPO Internacional Piano Festival, que tinha no júri Paul Badura Skoda, Inês selecionou compositores portugueses do século 20 cujos nomes são fundamentais para a história da música erudita portuguesa. "A escolha de obras dos portugueses é para tentar divulgar os compositores da minha nação. Foi uma escolha bastante contrastante e frutífero do que tenho pesquisado sobre os compositores portugueses, recolhendo obras que nunca foram tocadas e gravadas", avisa a pianista.

Fernando Lopes Graça é o mais importante do repertório e também o mais ousado. Escreveu centenas de obras para piano e é uma referência da vanguarda portuguesa. "Foi muito controverso. É difícil as pessoas gostarem e compreenderem porque foi revolucionário, não só teve um papel musical muito importante, mas quebrou barreiras em termos de estilos e de forma musical", avisa Inês. As dissonâncias e a estrutura musical irregular são algumas das características do compositor, que foi também um militante na luta contra a ditadura de Antonio de Oliveira Salazar. "E como estamos a comemorar os 50 anos da revolução e da liberdade em Portugal, seria impossível não falar dele. Quase todos os espetáculos em Portugal, este ano, são em torno dele", conta a pianista, que também incluiu no programa Armando José Fernandes, compositor que atravessou praticamente todo o século 20 e é dono de um estilo mais neoclássico e convencional.

Inês vai tocar ainda obras de Rey Colaço e de Claude Debussy, incluindo os prelúdios que acabou de gravar em disco dedicado ao compositor francês. "Escolhi Debussy porque é o que tenho trabalhado mais ao longo dos meus estudos. Esses prelúdios são todos muito contrastantes, com diferentes caracteres e sentimentos que simbolizam diferentes coisas", explica.